



ANÁLISE DE RISCO SOCIAL NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA GEOGRÁFICA BRASILEIRA SOBRE SEXUALIDADES

Social risk analysis in scientific production brazilian geography on sexualities

Maria Luiza Reimberg da Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-7370-5469>

malureimberg.geo@gmail.com

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos

Profa. Dra. do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de São João del-Rei. Departamento de Geociências

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0924-7328>

adelaine.carbonar@ufsj.edu.br

Artigo recebido em set/2023 e aceito em dez/2023

RESUMO

Este artigo tem por objetivo evidenciar a produção científica geográfica brasileira, sobre a temática das sexualidades, a partir das pesquisas publicadas na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Para tanto, foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados na referida revista desde sua publicação do primeiro volume em 2010, até a última publicação, que ocorreu em 2022. As pesquisas que discutiam a temática foram selecionadas e agrupadas em uma planilha Excel, bem como analisadas mediante análise de conteúdo Bardin (1977). Os trabalhos que abordavam as sexualidades foram então, analisados sob a ótica do risco social, a fim de categorizar os trabalhos em indicadores de perigo, de vulnerabilidade e de redução do risco, indicando a potencialidade da teoria do risco nos estudos das sexualidades, na Geografia.

Palavras-chave: Sexualidades, Geografia das Sexualidades, Risco.

ABSTRACT

This article aims to highlight Brazilian geographic scientific production on the topic of sexualities, based on research published in the Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. To this end, a survey of scientific articles published in the aforementioned magazine was carried out since its publication of the first volume in 2010, until the last publication, which occurred in 2022, where the works that discussed the topic were selected and grouped in an Excel spreadsheet, as well as analyzed using content analysis Bardin (1977). The works that addressed sexualities were then analyzed from

the perspective of social risk, in order to categorize the works into indicators of danger, vulnerability and risk reduction, indicating the potential of risk theory in studies of sexualities, in Geography.

Key words: Sexualities, Cultural Geography, Risk.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo possui como objetivo evidenciar a produção científica geográfica brasileira a partir das pesquisas publicadas na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero sobre a temática das sexualidades que possibilitem uma análise de risco social. Para tanto, foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados na referida revista desde a publicação do primeiro volume no ano de 2010, sendo publicados dois volumes por ano.

A justificativa da escolha da revista advém da sua criação ter sido um grande movimento estratégico destinado a ampliar a visibilidade das geografias das sexualidades e gênero, a fim de superar o preconceito de pareceristas de outras revistas geográficas que dificultavam a expansão das publicações sobre as sexualidades, no campo geográfico brasileiro (SILVA, VIEIRA, 2014). Essa nova revista geográfica permitia que as discussões das Geografias Feministas ocorressem no Brasil, compreendendo a formação das identidades instáveis de gênero, a partir dos lugares peculiares das experiências concretas das pessoas, de suas constantes redefinições identitárias e, também, da posição das pessoas que emitem os discursos científicos e de quem os interpreta, conforme aponta Silva (2009).

Nesse sentido, a Revista Latino-americana de Geografia e Gênero é um marco de resistência no que tange a expansão das Geografias Feministas, Sexualidades, Cultural e Subversivas, uma vez que:

O movimento feminista da geografia ampliou as noções das diferenças que marcam profundamente o espaço, em qualquer escala adotada para análise, e qualquer que seja o foco de interesse, vinculando as complexas relações entre corpos, identidades e poder na produção material e simbólica do espaço. (SILVA, 2009, p. 43).

O conjunto dos trabalhos publicados na revista e da publicação de livros, conforme, Silva (2009) reflete no caráter plural da ciência geográfica, visto que aborda desde as micro geografias do corpo até as variadas perspectivas de análise.

Dessarte, utilizaremos no presente trabalho importantes referências brasileiras nos estudos das sexualidades, dentre elas, as pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a qual a revista está vinculada. Em relação à abordagem sobre o Risco Social, utilizaremos as discussões de Veyret (2007), Lourenço e Amaro (2018); Souza e Pereira (2022).

Objetivou-se contabilizar o total de publicações de artigos em cada volume da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, e então selecionar aqueles trabalhos que continham discussões sobre as sexualidades no excel para realizar dois tipos de análises: 1- Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e 2- Análise a partir dos estudos clínicos da teoria dos Riscos, sobretudo, o risco social.

Pensando nas ideias de Massey (2008), sobre o espaço como produto de inter-relações, sendo constituído de interações que variam desde a escala global até o intimamente pequeno. Para a pesquisadora, esse espaço estava em contínua transformação e construção, devido a possibilidade de múltiplas existências e identidades, responsável por reforçar a pluralidade no conceito de espaço, visto que distintas trajetórias coexistem. Dessarte, aqueles resumos que inclinavam para a análise de alguma vulnerabilidade das sexualidades, que indicavam perigo para a existência de pessoas LGBTQIAPN+, devido a sua orientação sexual, foi selecionado para investigação sobre a possibilidade do risco social.

Com as contribuições destas pesquisas, é possível pensar na suscetibilidade do Risco Social atrelado aos corpos que vivem sua sexualidade em determinados espaços geográficos, podendo ser alvo de vulnerabilidades, violências psicológicas e/ ou físicas, além das vivências de processos perigosos. Esse processo de análise será realizado a partir do olhar das Geografias Feministas e Subversivas, que tem demonstrado interesse na compreensão daqueles que são tidos como minorias na sociedade brasileira atual.

2. METODOLOGIA

Para a realização da análise dos trabalhos sobre sexualidades publicados no periódico que possibilitem uma análise de risco social, foi preciso verificar as publicações de todos os volumes da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Como mencionado, a mesma foi inaugurada em 2010, e até hoje mantém o modelo de publicação de dois volumes por ano. Diante disso, objetivou-se contabilizar o total de publicações de artigos em cada volume, e verificar a quantidade que se refere às sexualidades. Os trabalhos encontrados dentro dessa temática foram levantados a partir de uma planilha no Excel que separa as publicações por ano e volumes, com informações sobre cada texto a fim de facilitar a análise de conteúdo dos trabalhos selecionados, conforme as ideias de Bardin (1977).

Os critérios utilizados para inclusão dos trabalhos selecionado foi o de inserir artigos quem em seu título trouxesse algum conceito relacionado às sexualidades, como por exemplo, ‘homossexual’, ‘homoerotico’, ‘gay’, ‘lesbianidade’, ‘bissexualidade’ e ‘homossexualidade’ e similares. Aqueles trabalhos que discutiam a questão de gênero junto com a sexualidade foram também selecionados, e trabalhos sobre travestilidades e transexualidade por exemplo, que discorrem sobre o gênero em específico não entraram para a análise do presente trabalho.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

A Revista Latino-americana de Geografia e Gênero foi um importante movimento estratégico destinado a ampliar a visibilidade das Geografias Feministas e das Sexualidades e superar o preconceito de pareceristas de outros periódicos. Silva e Vieira (2014) no artigo: *“Geographies of sexualities in Brazil: between national invisibility and subordinate inclusion in postcolonial networks of knowledge production”*¹, fazem um diálogo sobre como se deu o processo de inclusão da temática no Brasil, sobre os estudos da Geografia das Sexualidades, o que acabou sendo o propulsor do presente trabalho.

No artigo, Silva e Vieira (2014) no tópico sobre ‘Sexualidades na Geografia Brasileira: Conceitos e Contextos Nacionais’, discorrem elucidando como a temática das sexualidades foi discutida internacionalmente, enquanto no Brasil, o campo geográfico brasileiro não acolheu o tema, negligenciando-o.

Nesse sentido, sem que houvesse Revistas Geográficas Brasileiras que incluíssem a temática do gênero e das sexualidades, pesquisadores como Rogério Botelho de Matos, Miguel Ângelo Ribeiro e Joseli Maria Silva que se interessavam em escrever nesta abordagem da Geografia, constataram dois caminhos a seguir no que tange ao desenvolvimento das discussões dessa temática que vieram a ser a publicação de livros, que não dependia da aprovação de pareceristas e também na tentativa em publicar em revistas internacionais.

Este último caminho, gerou algumas problemáticas para pesquisadores brasileiros como discutido por Silva e Vieira (2014), sendo um dos problemas pontuados as referências que eram utilizadas. Não eram todos os pesquisadores que tinham acesso aos livros e revistas que discutiam a temática, visto que custavam um valor inacessível, o que tornava difícil também acompanhar as novas publicações e discussões que eram produzidas internacionalmente. Além disso, no Brasil havia também preconceito por parte de revisores de periódicos em relação a como os relatos do grupo social pesquisado, como por exemplo os estudos sobre travestis, visto que o tema ainda é considerado marginalizado no campo científico (SILVA; VIEIRA, 2014).

Frente a todas essas dificuldades de aceitação da temática e de desenvolver os estudos, a Professora Joseli Maria Silva se tornou uma pesquisadora brasileira que deu base para os estudos no Brasil. A pesquisadora foi responsável por introduzir as referências teóricas anglo-saxônicas como Judith Butler, Gillian Rose, Gill Valentine, Jon Binnie e David Bell em 2008 (SILVA; VIEIRA, 2014) e em 2010 ampliou as referências mesclando as nacionais e internacionais. Com as contribuições de Silva (2008, 2010, 2014) às ideias de Judith Butler (2003), Michel Foucault (1984a, 1984b, 1985,

¹ Geografias das Sexualidades no Brasil: Entre Invisibilidade Nacional e Inclusão Subordinada ao Pós-Colonial na Conexão de Produção de Conhecimento (tradução da autora).

1988) e Stuart Hall (1992), essas foram as mais influentes no campo científico das sexualidades no Brasil.

No que tange às publicações de livros sobre as sexualidades, que foi uma forma que os pesquisadores encontram de resistir, vale ressaltar as publicações: do Professor Miguel Ângelo Ribeiro, com a pesquisa intitulada ‘Território e Prostituição na Metrópole Carioca’ em 2002; Professor Rafael da Silva Oliveira, com a pesquisa intitulada ‘Território, Sexo e Prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira em 2011’, e a publicação do livro ‘Geografias Feministas’ (Feminist Geographies), que inclui Silva (2009), Silva e Silva (2011) e Silva, Ornat e Chimin Junior (2011; 2013), sendo essas, as primeiras discussões no campo científico geográfico brasileiro.

De acordo com todo o contexto histórico, no ano de 2009, surge a Revista Latino- americana que publicou seu primeiro volume em 2010, e ao analisar todos os volumes publicados, verificou-se a publicação de artigos, considerando a seção LES da revista. Ressalta-se que essa seção aparece nos volumes de 2018, e ocorreu essa publicação devido a integração da Revista LES online na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero. Conforme informação retirada no site da própria revista, é dito que essa junção ocorre visto que:

Apesar de todos os esforços de divulgação, foi sendo cada vez mais difícil manter a periodicidade da LES Online. Compreendemos que por um lado existem poucas/os investigadores/as a trabalhar especificamente sobre questões lésbicas e por outro lado existe uma enorme pressão para publicar em revistas indexadas. Por estas razões a publicação da LES Online foi suspensa como publicação autônoma e passou a integrar a REVISTA LATINO-AMERICANA DE GEOGRAFIA E GÊNERO (LES online,2016).

No contexto atual, encontramos ainda algumas barreiras no que tange a publicação como a do tema descrito acima, visto que apesar das revistas acadêmicas geográficas brasileiras passaram a acolher melhor a temática da sexualidade e do gênero nos periódicos, ao pesquisar sobre as revistas geográficas na Plataforma Sucupira, na página do Qualis e Periódicos, colocando as palavras gênero e sexualidade, apenas a Revista Latino-americana de geografia e gênero é encontrada no Brasil.

Percebe-se então, que ainda não se tem desenvolvido e criado mais revistas acadêmicas direcionadas especificamente aos estudos de gênero e das sexualidades, porém, no contexto atual, encontramos na academia geográfica brasileira o movimento de abertura para esse diálogo em eventos, colóquios e jornadas acadêmicas, com eixos direcionados a essas discussões que são ainda marginalizadas na Geografia.

Outro ponto importante, é forma de resistência que ocorre através de criação de redes como a REGGSILA - Rede de Estudos de Geografia Gênero e sexualidade, que possibilita o contato entre diversos estudos sobre a Geografia Subversiva visto que,

tem como principal objetivo dar visibilidade à produção de conhecimento nestes contextos geográficos e culturais, fomentar o desenvolvimento de investigações nesta área do

conhecimento, potencializar sinergias entre centros de investigação Ibéricos e Latino-Americanos, e consolidar a presença de temas relacionados com gênero e sexualidades na formação do ensino superior em geografia. REGGSILA (1967).

A rede atua na divulgação de revistas como a LES on-line e a Latino-americana de Geografia e Gênero, auxilia nas discussões sobre as geografias de gênero e sexualidade com foco no questionamento sobre a hegemonia cultural anglo-saxônica e a hierarquização das formas de produção de conhecimento, visto que esta é uma luta que Silva e Vieira (2014) se empenham a discutir e que se expande nesta rede.

Vale elucidar que essa crítica à cultura anglo-saxônica é forte, visto que a doutora e professora Joseli Maria Silva, é editora na revista Latino-americana de Geografia e Gênero e também atua na direção da REGGSILA. Evidencia-se, então, que os estudos começaram a se consolidar no Brasil, mesmo que marginalizados e através de revistas geográficas que não eram brasileiras, proporcionado pelos esforços feitos de Silva (2013, 2014, 2016) e também mais recentemente, por revistas geográficas brasileiras que abriram espaços para a discussão.

No mais, para o presente trabalho, foram contabilizados trezentos e quarenta e cinco trabalhos publicados na Revista Latino-americana de Geografia e Gênero e desses, setenta e oito foram selecionados visto que eram respectivos à temática das sexualidades, portanto, foram incluídos nas análises aqueles que tinham no título e resumo, palavras como “LGBT, lgbtfobia, lésbica, lesbofobia, lesbianidade, gays, homossexual, homoeróticos”. Os dados utilizados a seguir, foram pré organizados em uma planilha do excel, recolhendo o título, nome do autor, dimensão do trabalho, escala do estudo, estado e país em que foi realizado, link da publicação, palavras-chave, edição, sessão do artigo na revista e por fim, sua relação com o risco social. Conforme as informações obtidas, a figura a seguir, mostra um mapa de onde foram os locais de estudos dos pesquisadores.



Figura 1 - Áreas de estudos das sexualidades no Brasil.
Fonte: Revista Latino-americano de Geografia e Gênero.
Org: SILVA (2023).

Além dos estados brasileiros que foram pesquisados, dentre os setenta e oito trabalhos, houveram aqueles internacionais realizados na Chéquia, Cidade do México, Inglaterra, Portugal, Índia, França, Grécia, Espanha e Bélgica. Os trabalhos referentes à Revista Les, estavam localizados na França, África do Sul, Portugal, Brasil e Espanha. Após o mapeamento dos locais em que os estudos tinham foco, foi observado sobre o gênero dos autores.

Como indicado pela leitura do gráfico a seguir, é visto que o campo científico geográfico brasileiro também é masculinizado, mesmo que existam a possibilidade de autores que se identificam como homens trans². Dos setenta e oito trabalhos analisados, cinquenta e um (65.4%) eram produzidos por homens e apenas vinte sete (34.6%) eram de autoria feminina, os dados foram transformados em porcentagem para facilitar a compreensão na figura a seguir.

² <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/19689/209209215437>

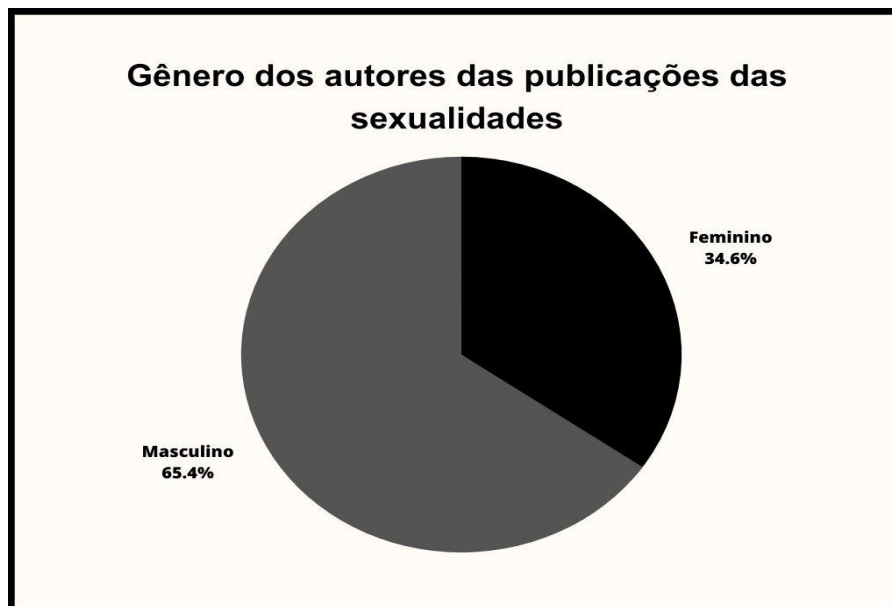


Gráfico 1 - Gênero dos autores.

Fonte: Revista Latino-americano de Geografia e Gênero.
Org: SILVA (2023).

A seguir, foi realizado um gráfico com intuito de facilitar a compreensão da porcentagem de publicações realizadas por ano, desde a criação da Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, até seu último volume publicado, de acordo com o total de produções de artigos em cada ano.

Ressalta-se que a revista não tem um padrão de publicação de artigos, cada volume conta com o número diferente, e somados os volumes anuais e compará-los, é visto que há uma diferença de quantidade de publicação, com uma diferença aproximadamente de 3 a 5 artigos a mais ou a menos variando de um ano para o outro.

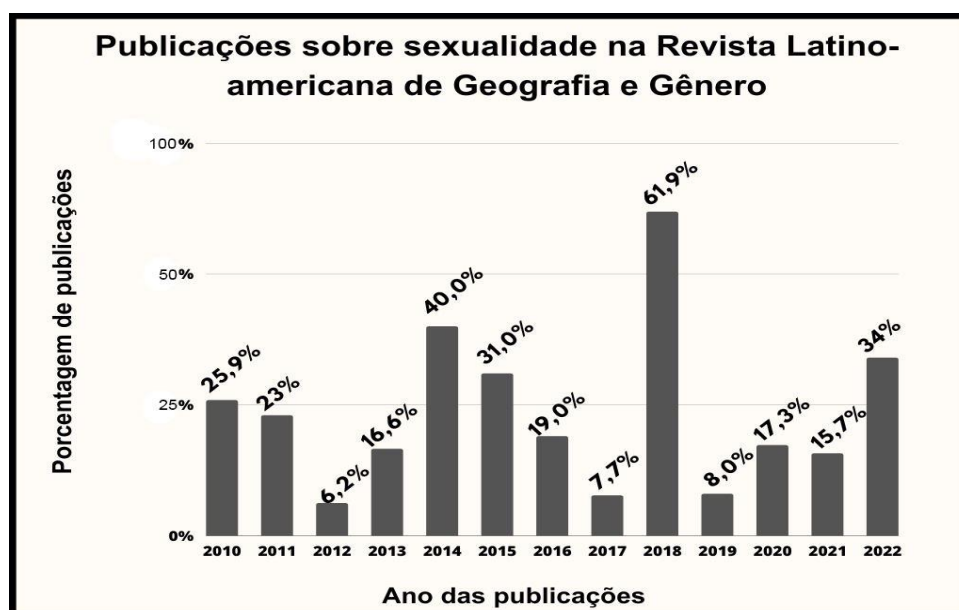


Gráfico 2- Publicações sobre sexualidades por ano.

Fonte: Revista Latino-americano de Geografia e Gênero.
Org: SILVA (2023).

Para compreender melhor o gráfico é importante saber que em 2018 houve esse alto número de publicação, visto que a revista em seu primeiro volume do ano inseriu junto aos artigos uma seção LES, referente a trabalhos que discutiam a lesbianidades, e em seu segundo volume foi direcionado somente a seção LES, contendo um total de 21 artigos publicados, dentre eles, 12 (%) eram sobre lesbianidades em 2018. Ou seja, se a revista não tivesse esses volumes dedicados à discussão sobre lésbicas, a possibilidade de que o número de publicações que envolvessem a temática das sexualidades fosse abaixo dos 50% como nos demais anos, indicado no gráfico, é grande.

No mais, o gráfico propõe uma reflexão sobre o fato de que talvez a temática das sexualidades não esteja avançando no campo científico geográfico brasileiro, apesar dos pequenos avanços para a inclusão do tema, os dados não indicam um crescimento exponencial ou crescimento da conquista de espaço da temática das sexualidades na revista. É importante frisar que o tema tem sido acolhido, mas ainda caminha nas sombras da marginalização de acordo com os dados, devido a baixa porcentagem de trabalhos publicados na área.

Outra análise feita, ocorreu a partir das palavras-chave dos trabalhos sobre sexualidade. Esta investigação foi realizada, ao colocar as palavras-chave dos artigos analisados em um documento no word que a partir de ferramentas específicas, contabilizaram um total de 661 palavras, sendo a que mais se destacou foi ‘sexualidade’, seguida pela palavra “gênero”, indicando que de fato os estudos de ambos estão interligados e são complementares.

Tabela 1: Análise das palavras-chave.

Análise das palavras-chave	
Palavra	Número de repetições
Sexualidade	25
Gênero	17
Espaço	15
Geografia	14
Território	6
Gay	11
Lésbica	8
Território	6
Bissexual	1

Fonte: Revista Latino-americano de Geografia e Gênero.
Org: SILVA (2023)

Os conceitos geográficos que se destacam nas palavras-chave devido ao número de repetição é a de “território” e “espaço” indicam a participação da Geografia Cultural em conjunto às Geografias Feministas nos trabalhos realizados. De acordo com Silva e Vieira (2014, p. 3) “o foco dominante no conceito de espaço urbano nos estudos das sexualidades reflete a forte influência da tradição marxista na Geografia brasileira e está associada ao tema da prostituição³” e os pesquisadores complementam ainda sobre a utilização do conceito de território ocorrer principalmente em trabalhos sobre gays devido a influência da Geografia Cultural.

Outra observação feita durante a análise da Tabela 1 é sobre a diferença em que as palavras gay, lésbica e bissexual aparecem. Essas palavras quantificadas mostram que além das publicações serem em maior parte realizadas por homens, esses trabalhos têm sido produzidos com foco na sexualidade masculina mostrando que há uma marginalização e exclusão das demais sexualidades. Pontes (2020), chama atenção para a necessidade em entender que a literatura funciona como um dispositivo político que afeta diretamente o mundo onde é preciso criar novas práticas culturais que insiram o amor marginalizado no cotidiano, como no caso de mulheres lésbicas e bissexuais. Outro trabalho que esboça a marginalização de estudos com o olhar sobre as sexualidades da mulher, cis e trans, é realizado por De Oliveira (2021), ao refletir sobre o papel social da mulher construído, a partir da representação de seu corpo e sexualidade, especificamente, no que tange a lesbianidade e seus atravessamentos. Esses trabalhos são alguns exemplos que indicam, até pela data de publicação, o quanto ainda é recente os estudos sobre as sexualidades das mulheres.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Adentrando ao risco social, para onde designaremos agora as análises dos trabalhos selecionados, utilizaremos das teorias de Veyret (2007), Lourenço e Amaro (2018) e Souza e Pereira (2022). Torna-se necessário, então, evidenciar que existem definições para os conceitos e abordagens, dentro dos estudos dos Riscos, visto que se trata de uma discussão que é interdisciplinar. Este trabalho, estende-se às concepções do campo de estudo geográfico, sociológico e psicológico, ambos pertencentes à área das humanidades. Dessarte as análises a seguir, são realizadas a partir da costura de conceitos, termos e abordagens de autores portugueses, brasileiros e franceses, que juntos, fez-se possível investigar a possibilidade do risco social, atrelado aos estudos das sexualidades.

Conforme, Veyret (2007) o risco é “um perigo possível, mais ou menos previsível, que expõe um grupo ou indivíduo como alvos de possíveis perdas e danos” (2007, p. 30), o conceito de risco está atrelado à percepção que o sujeito tem de si, podendo denotar a fragilidade que um determinado

³ Tradução livre.

indivíduo ou grupo pode ter de ser vítima de algum tipo de perigo. A tipologia de risco utilizada neste trabalho é denominada risco social que se enquadra também no conjunto dos riscos antrópicos, descrito por Lourenço (2006;2018), visto que o pesquisador, subdivide os estudos dos riscos e em três conjuntos, sendo esses: os riscos naturais, riscos antrópicos e riscos mistos. Veyret (2007) discorre que os riscos sociais estão ligados aos riscos de delinquência e criminalidade e possui relação com violências sociais e a insegurança. A mesma afirma também que essa tipologia dos riscos se relaciona com “tudo que diz respeito à sociedade” (2007, p. 277) e reforça sobre o fato de que a vulnerabilidade social tem relação com a origem do perigo, e nesse sentido “pode-se dizer, então, que os riscos diferem segundo as especificidades dos grupos sociais encontrados” (VEYRET, 2007, p. 278).

Pensando nisso, o presente trabalho analisa os grupos sociais com sexualidades dissidentes (gays, lésbicas, bissexuais, assexuais, pansexuais e outras orientações sexuais marginalizadas socialmente) com um recorte para aqueles que vivem as sexualidades diferente da padronizada pela sociedade heteronormativa. Visto que, “o risco interroga necessariamente a geografia que se interessa pelas relações sociais e por suas traduções espaciais” (VEYRET, 2007, p. 11), analisaremos a vulnerabilidade social, sobretudo, que se refere a vulnerabilidade das sexualidades, devido ao foco do estudo. Portanto, para entender acerca da vulnerabilidade das sexualidades, seguiremos pela teoria da vulnerabilidade social feita por Veyret (2007) em seus estudos cindinicos sobre risco, que relaciona com os critérios de morfologia social aplicáveis a grupos organizados que, de alguma forma, constituem a sociedade. Conforme, Pereira (2023),

A existência de grupos mais vulneráveis do que outros adquire uma dinâmica que possibilita realizar um paralelo com questões estruturais da sociedade, englobando estruturas de gênero, classe, raça, sexualidade e outros fatores sistêmicos. (PEREIRA, 2023, p.27, no prelo).

A vulnerabilidade das sexualidades possui origens sistêmicas que reproduzem o risco social, onde expõe as pessoas com orientação sexual não heterossexual a processos perigosos, devido a construção social imposta pela heteronormatividade. Essa vulnerabilidade devido à exposição da sexualidade pode ainda ocorrer em diversas escalas, visto que as interseccionalidades estão presentes no cotidiano e implicam ainda mais no grau do risco social e da vulnerabilidade. Contudo, o presente estudo compreende somente a vulnerabilidade das sexualidades, sem aprofundar na possibilidade do risco social atrelado às questões de raça, classe e gênero, entre outros, dos trabalhos selecionados para as análises.

De acordo com Canil et al. (2021), o risco sistêmico acontece de acordo com as características que identificam certos grupos sociais e sujeitos, colocando-os suscetíveis a algum tipo de risco. Neste sentido, as identidades, de modo geral, são marcadas por uma heteronormatividade, onde as pessoas

crescem aprendendo que devem se relacionar com alguém do sexo oposto que o seu e seguir fielmente este arranjo religioso, patriarcal, homofóbico e tradicional.

Pereira (2023), ao associar suas teorias com os estudos de Sulaiman (2021), Blaikie et al. (2004), percebe que as estruturas de desigualdades de classe, gênero e raça, que vão determinar a condição de vulnerabilidade e (re)produção de riscos e desastres no âmbito social. Portanto, a vulnerabilidade dos corpos que vivem suas sexualidades, decorre das dinâmicas culturais instituídas socialmente, que padronizam o modo de se relacionar sexualmente e do que pode ser vivido em público e do que é inapropriado e vergonhoso.

Parafraseando as concepções de Pereira (2023, p. 29) sobre os estudos do corpo feminino, é visto também, no que tange a vulnerabilidade das sexualidades, que os aspectos que essa vulnerabilidade pode possuir, refere-se ao caráter social e identitário, imbricadas em estruturas sociais que conferem ao corpo sexualizado condições que o deixam em exposição e violação. Dessarte, essas violações que podem ser físicas, emocionais e psicológicas, conferem o que entendemos aqui como perigo, onde a corporeidade das pessoas que vivenciam suas sexualidades é ferida e sua segurança violada. Para que haja uma maior compreensão dos conceitos utilizados neste trabalho, segue abaixo um quadro síntese dos conceitos, baseados principalmente nas ideias de Veyret (2007) e Viellard-Baron (2007) sendo esse pesquisador, o responsável pelo capítulo dos Riscos Sociais no livro utilizado como referência neste estudo, organizado por Veyret (2007): Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente.

Tabela 2: Síntese dos principais conceitos e abordagens.

RISCO	Percepção de um perigo possível, mais ou menos previsível, por um grupo social ou por um indivíduo que tenha sido exposto a ele (Veyret, 2007, p.24)
RISCO SOCIAL	Quando o “viver em conjunto” estiver sujeito há uma série de ameaças identificadas de forma mais ou menos clara ou, dito de outra forma, quando a coesão social estiver ameaçada (Viellard-Baron, 2007, p.278).
ÁLEA	Acontecimento possível, pode ser um processo natural, tecnológico, social, econômico, e sua probabilidade de realização (Veyret, 2007, p.24)
PERIGO	Empregado para definir as consequências objetivas de uma álea sobre um indivíduo, ou grupo de indivíduos, sobre a organização sobre a organização do território ou sobre o meio ambiente (Veyret, 2007, p.24)
VULNERABILIDADE SOCIAL	Relacionada a critérios de morfologia social aplicáveis a grupos organizados que, de alguma forma” constituem sociedade” (Viellard-Baron, 2007, p.278).
DESASTRE	É a vivência de uma crise e, portanto, mostra-nos o limite de uma determinada rotina e a necessidade de construção de uma nova dinâmica social (Valêncio; Siena, 2009).

RISCO DE DESASTRE	É a relação existente entre a probabilidade de que uma ameaça de evento adverso ou acidente determinado se concretize e o grau de vulnerabilidade do sistema receptor a seus efeitos (Glossário da Defesa Civil, 2007).
--------------------------	---

Fonte: Veyret (2007), Viellard-Baron (2007), Valêncio; Siena (2009), Glossário da Defesa Civil (2007).
Org: SILVA (2023)

Em um universo de 345 artigos publicados até o volume 13, referente a segunda edição do ano de 2022 da Revista Latino - Americana de Geografia e Gênero, 78 trabalhos foram selecionados e tiveram seus resumos e conclusões lidos para melhor enquadrá-los nas categorias investigadas sobre a luz do risco social. Buscou-se entender o que esses trabalhos indicavam, além do seu caráter feminista e subversivo, na Geografia.

Deste modo, os trabalhos foram sistematizados e categorizados na planilha do Excel em três grupos: aqueles que indicavam perigo, os que evidenciaram a vulnerabilidade social ligada às sexualidades, os que dialogavam com caminhos para a redução do risco de desastre (RRD).

Tabela 2: Análise dos trabalhos sobre a ótica do risco social.

CATEGORIAS			
Nº	PERIGO	VULNERABILIDADE SOCIAL	RRD
	23	12	43

Fonte: Revista Latino-americano de Geografia e Gênero.
Org: SILVA (2023).

Todos os trabalhos foram analisados dentro da perspectiva da teoria dos riscos, e categorizado para a compressão de um olhar geográfico que pudesse mostrar a possibilidade da análise sob a lente do risco social, sobre os estudos geográficos das sexualidades. Assim, o primeiro grupo de trabalho categorizado se encontra naqueles que discorrem sobre o perigo está vinculado a um condicionante que tende a colocar o sujeito ou o grupo, em vulnerabilidade. É algo que ainda não está concretizado no corpo do sujeito investigado. O geógrafo português, Lourenço (2018), acrescenta ainda que:

O perigo é acompanhado por sinais que alertam para a eminência para a manifestação do risco, ou seja, significa que as pessoas e/ou seus bens e haveres deixam de estar em risco para passarem a correr perigo efetivo (LOURENÇO, 2018, p. 23).

Um exemplo de trabalho posto nessa categoria é o trabalho de Ramon Pereira dos Reis, intitulado “Lésbicas = 'Afeto' / Gays = 'Sexo'? : Discutindo Práticas Homoconjugais no Seriado Queer as Folk” (Reis, 2011), que foi publicado na primeira edição do segundo volume da revista em 2011. Este trabalho, por exemplo, alerta para estereótipos das relações homossexuais, por canais televisivos e que enquadra como indicador de perigo, uma vez que, o estereótipo pode tornar certos casais, suscetíveis ao risco de sofrerem violências físicas, psicológicas e emocionais, além de indicar uma vulnerabilidade, indica maior possibilidade de um desastre acontecer com os casais homossexuais

gays que não são bem visto nos canais de televisão, e que acaba por infiltrar essas ideias e estigmas na população que acompanham e acessam esses canais.

Para Baron (2007, p.275), “a probabilidade dos perigos se manifestarem parece crescer hoje, ainda que o sistema de proteção sejam cada vez mais sofisticado”. esta ideia dialoga perfeitamente com a sociedade atual, já que mesmo havendo leis de proteção que buscam proteger os direitos de pessoas homossexuais, esse grupo social é um dos principais alvos de violência.

Os artigos que indicavam uma vulnerabilidade social, dialogavam com trabalhos que exponham violação dos direitos humanos, violação do direito à moradia, vulnerabilidade de gênero, quando as mulheres lésbicas, por exemplo, se adaptam as expressões que lhe asseguram melhor na sociedade, entre outros. Deste modo, o trabalho de Thiago Barcelos Soliva (Soliva, 2011), intitulado como “A Rua e o Medo: Algumas Considerações sobre a Violência Sofrida por Jovens Homossexuais em Espaços Públicos” é exemplo de um estudo que abordou a vulnerabilidade ao expor a violência perpetrada contra jovens homossexuais em espaços públicos, visto que os entrevistados sofrem uma forte limitação dos seus direitos civis, quando as experiências de constrangimento vividas nas ruas terminam por desencadear em alguns deles um recorrente medo de transitar para além dos domínios domésticos I (Soliva, 2011). A violação dos direitos humanos apresentado no estudo, é entendida a partir da teoria do Risco Social, como uma vulnerabilidade social, onde a característica da homossexualidade é um marcador do grupo social para que eles percam seus direitos civis.

É importante ressaltar que há trabalhos que indicam ainda a existência de lugares seguros onde há acolhimento, segurança e proteção ao entorno das identidades marginalizadas e excluídas socialmente como bares, banheiros, shoppings e outros. Porém, se por um lado indicam que há espaços que homossexuais conseguem ocupar sem que sejam alvos de violência, indica também que eles não são aceitos em qualquer local, visto que criam suas redes de apoio, diversão e territorialidades em locais específicos na cidade.

Estes trabalhos foram categorizados juntos aqueles que indicavam uma redução do risco de desastre, uma vez que os trabalhos categorizados como produções que trabalham a redução do risco de desastre, são aqueles estudos e análises que têm potencial de mudar as trajetórias dos sujeitos investigados, indicam práticas com intuito de reduzir a possibilidade do risco através de esforços sistêmicos para gerir os fatores que causam o desastre.

Com as leituras dos artigos selecionados para análise, percebe-se nas entrelinhas que há preconceito ainda enraizado na sociedade a ser combatido e que precisamos mudar essa situação, uma vez que o preconceito é tem aspectos da violência moral que desencadeia o perigo, colocando o sujeito ainda mais suscetível ao desastre, quando não se desenvolve a redução do risco de desastre, sobre o sujeito e/ou grupo social.

O trabalho de Proença (2010) mostra a desconstrução de representações preconceituosas da homossexualidade, que pode ser entendido como um caminho para a redução do risco de desastre. A sua publicação na segunda edição do primeiro volume da revista em 2010, intitulada “Cartografia dos corpos estranhos: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar”, exerce um grande potencial social, para que haja mudanças na sociedade, a partir do trabalho pedagógico e de cidadania, promovendo o que dentro dos estudos cindinicos, é conhecido como a educação para redução do risco de desastre.

O marco de Ação de Sendai 2015-2030 é o principal norteador no que tange os esforços da redução do risco de desastre (RRD) a nível internacional visto que aborda a importância do conhecimento, da educação, da capacidade e da resiliência a desastres (UNISDR, 2015), destacando a necessidade em investir na educação e em ações educativas, mais especificamente. Assim, a educação para o risco de desastre (ERRD), é um processo encorajado pela UNICEF e UNESCO (2012) onde coloca o sujeito-aluno em compreensão das causas e consequências dos riscos de desastres, tornando-os aptos e capazes de atuarem na prevenção, mitigação, e em momentos de emergência, fomentando assim, a resiliência no que tange aos desastres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as análises dos trabalhos selecionados, notou-se que grande parte das produções tinham dimensão sociocultural, raramente política e as principais técnicas utilizadas nas pesquisas eram estudo de caso, seguido por pesquisa bibliográfica-documental, análise de conteúdo se destacou em terceiro lugar junto com os relatos de experiências. Observou-se também que os trabalhos traziam bastante informações bibliográficas e documentais antes de analisar o fato desejado, fornecendo uma base conceitual forte para o entendimento do artigo.

Apesar da expansão das publicações na área das sexualidades, o campo geográfico brasileiro ainda está em processo de acolher o tema. Por mais que exista a discussão no Brasil sobre sexualidades, ainda são poucas as universidades que têm grupos de estudos sobre gênero, raça e sexualidade, o que justifica o baixo número de publicações na Revista Latino- americana de Geografia e Gênero, e indica também nas entrelinhas o porquê de haver somente uma revista acadêmica brasileira que publique nessa temática. Ou seja, além de ser uma discussão recente no campo geográfico, ela ainda está ganhando espaço dentro das universidades, seja na inserção de matérias no PCC's, na criação de grupo de estudos, no incentivo a publicação e na aceitação de revistas geográficas “tradicionais” que ainda não aceitam a inclusão das sexualidades nos estudos geográficos.

No que tange às investigações, sobre a ótica do risco, em especial, sobre o risco social, observa-se que além de possível a realização de análises das geografias feministas, subversivas e das

sexualidades vinculada às ciências cindínicas, indica também a necessidade de realizar estudos e trabalhos que relatem mais as formas de reduzir o risco de desastre ligado às sexualidades, enquanto alerta também para a necessidade de publicações que mostre caminhos para aqueles vivenciaram o desastre ou o ainda vivenciam, de como devem agir, quais atitudes tomar, como denunciar, fornecendo ao sujeito ferramentas que possam o deixar seguros novamente após a concretização do desastre.

REFERÊNCIAS

ARANTES, G. G. **Ensino de Geografia e Direitos Humanos: a força democrática dos movimentos negro e LGBT.** 2021. 104 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977. 288p.

BLAIKIE, P. et al. **Vulnerabilidad:** el entorno social, político económico de los desastres. Bogotá: La Red, 1996. 292p.

CANIL, K. et al. Vulnerabilidades, riscos e justiça ambiental em escala macro metropolitana. **Mercator**, v. 20, p. e20003, 2021.

CÉSAR, T. R. A. D. O. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013.** 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

CÉSAR, T. R. A. D. O.; PINTO, A. M. P. A Produção Intelectual da Geografia Brasileira, entorno das Temáticas de Gênero e Sexualidades: uma visão a partir dos periódicos on line. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 119-132, 2015.

LOURENÇO, L.; AMARO, A. **Riscos e Crises:** da teoria à plena manifestação. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2018. 26p.

LOURENÇO, L. Riscos naturais, antrópicos e mistos. **Territorium**, v. 14, p. 109- 113, 2006.

MARCHEZINI, V. et al. Educação para redução de riscos e desastres: experiências formais e não formais no Estado do Rio de Janeiro. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 42, n. 4, p. 102-117, 2019.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço:** uma nova política da espacialidade. Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MATOS, R. B.; RIBEIRO, M. A. C. **Territórios da Prostituição nos Espaço Públicos da Área Central do Rio de Janeiro.** Boletim Goiano de Geografia, v. 15, n. 1, p. 57-79, 1995.

OLIVEIRA, M. et al. Invisibilidade, percalços e nuances da homossexualidade feminina. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 2, n. 8, p. e28647, 2021.

PEREIRA, A. O. M. **O corpo generificado feminino como fator de risco social:** educação geográfica para a análise espacial da vulnerabilidade de gênero entre jovens estudantes. (2023, no prelo).

CAPES. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Plataforma Sucupira-CAPES.** Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/>. Acessado em: 31 jun. 2023.

SANTOS, A. E. C. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do sul do Brasil e a multiplicidade espacial.** 2020. 283 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020.

SANTOS, A. E. C.; ORNAT, M. J. **A produção científica brasileira sobre travestilidades e transexualidades: da doença à resistência.** Terr@ Plural, v. 14, p. 1-19, 2020.

SIENA, M.; VALÊNCIO, N. Gênero e Desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: VALÊNCIO, N. et al. **Sociologia dos desastres: construção, interfaces e perspectivas no Brasil.** São Carlos: Ed. UFSCar, 2009.

SILVA, J. M. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades.** Ponta Grossa: Toda Palavras, 2009. 318p.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JR, A. B. (Orgs). **Geografias malditas: corpos, sexualidades e espaço.** Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013. 400p.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JR, A. B. **Geografias feministas e das sexualidades: encontros e diferenças.** Ponta Grossa: Editora Todapalavra, 2016. 272p.

SILVA, J. M; VIEIRA, P. J. Geographies of sexualities in Brazil: between national invisibility and subordinate inclusion in postcolonial networks of knowledge production. **Geography Compass**, v. 8, n. 10, p. 767-777, 2014.

SOUZA, C. J. O.; OLIVEIRA, J. R.; PEREIRA, A. D. O. M. Escola pública, educação geográfica e vulnerabilidade socioambiental ampliada em tempos de pandemia de COVID-19. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 60, p. 711-735, 2022.

SULAIMAN, S. N. **Educar para Reduzir Riscos e Desastres.** 2021. UNICEF - UNESCO. 2012. Redução do risco de desastres nos currículos escolares - Estudos de Casos de Trinta Países. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002205/220517por.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

UNISDR. 2015. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres.** Disponível em: <http://www.defesacivil.pr.gov.br/arquivos/File/Marco/MarccodeSendaiPortugues>. Acesso em: 27 ago. 2023.

VEYRET, Y. Introdução. In: VEYRET, Ye (org.) **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente.** Tradução de Dílson F. da Cruz. São Paulo: Contexto, 2007.

VIEILLARD-BARON, H. **Os riscos: o homem como agressor e vítima do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2007. 320p.